

A Constituinte poderá parar de novo

BRASÍLIA
AGÊNCIA ESTADO

A Mesa diretora da Constituinte poderá decretar um "recesso branco" durante a Semana Santa, desobrigando os parlamentares de permanecerem em Brasília para as sessões plenárias ou para os trabalhos nas comissões temáticas. Mesmo que a medida não seja adotada, o funcionamento efetivo das comissões já ficou prejudicado. A instalação das subcomissões foi adiada para terça-

feira e da Comissão de Sistematização para o dia seguinte. Vários constituintes criticaram mais esse adiamento, por conta da falta de condições do líder do PMDB, Mário Covas, de condicionar os interesses dos candidatos do próprio partido e da Frente Liberal.

A Assembléia Nacional Constituinte completou ontem 60 dias de funcionamento sem que nenhuma de suas comissões tenha sequer apreciado as cerca de 500 sugestões chegadas à Mesa e depois encaminhadas

aos respectivos grupos. Com a indefinição nas comissões, o período de 13 a 17 de abril será perdido, bem como parte da semana que vai de 20 a 24 devido ao feriado do dia 21 (terça-feira), que será antecipado para a véspera. Assim, só no final do mês é que os trabalhos constituintes começarão a ser feitos, ainda que na sua parte embrionária — as subcomissões.

O adiamento da instalação das subcomissões, ontem pela manhã, foi motivado, segundo Mário Covas,

pele fato de haver muitos candidatos para poucas vagas, dentro e fora do partido. De acordo com o senador paulista, a medida serviu para que se possa negociar com mais tempo o preenchimento dos 24 cargos de presidente, dos 48 de vice-presidente (dois para cada subcomissão) e, principalmente, dos 24 relatores. Estes terão lugar garantido na Comissão de Sistematização, juntamente com os presidentes e relatores das comissões.

O programa "A voz da Consti-

tuinte" também ficou prejudicado com a transferência da instalação das subcomissões. Ele será lançado em duas emissões de cinco minutos diárias no rádio e na televisão a partir do momento em que forem iniciados os trabalhos temáticos, acompanhado de um bloco dedicado ao plenário da Constituinte. Ontem foi instalado um videocassete no gabinete do presidente da Assembléia, Ulysses Guimarães, para que ele pudesse assistir aos dois primeiros pilotos, realizados pela Radiobrás, com base

nas eleições das comissões, na quarta-feira, e nas atividades de plenário daquele mesmo dia.

A decisão tomada ontem pela Mesa foi criticada por vários parlamentares. O deputado José Fernandes (PDT-AM) condenou o fato de os constituintes terem gasto mais de 50 dias para elaborar o regimento interno e depois passar por cima de suas determinações. O regimento prevê que as subcomissões devam ser instaladas 24 horas após a instalação das comissões temáticas.

Adiamento desorienta deputados

BRASÍLIA
AGÊNCIA ESTADO

A falta de indicação de representantes do PMDB nas subcomissões e a insatisfação de quase todo o grupo moderado e de setores minoritários da esquerda com as indicações de presidente e relator-geral das comissões temáticas provocaram o adiamento, para terça-feira, das eleições dos dirigentes das subcomissões. A iniciativa do adiamento foi do próprio presidente Ulysses Guimarães, depois de conversar com o líder Mário Covas.

Os líderes foram consultados anteontem, à noite, por assessores do presidente da Assembléia Constituinte. O líder do PDS, Amaral Neto, contou que à meia-noite de quarta-feira recebeu telefonema em sua casa, sobre a conveniência do adiamento das escolhas de presidentes e relatores das subcomissões. "Concordo, pois se Ulysses sugeriu é porque tinha motivos para isso" — disse ele.

Alguns parlamentares, na manhã de ontem, não sabiam do adiamento e percorreram o corredor deserto onde estão as comissões da Constituinte. O senador Itamar Franco (PL-MG), da Comissão de Sistema de Governo, ficou meio irritado, comentando com o relator-geral desse órgão, Egídio Ferreira Li-

ma (PMDB-PE): "Os líderes não podem marcar e desmarcar eleições sem ouvir ninguém".

O desabafo do senador mineiro foi eco de grande parte do PMDB. Os moderados do partido estão em pé de guerra contra o líder Mário Covas. Setores esquerdistas também passaram a criticar o líder. "O Covas não quer combater o Ulysses. Ele quer ser Ulysses — principalmente no estilo arbitrário de agir" — desabafou o deputado baiano Domingos Leonelli (esquerda), que não conseguiu sua indicação para relator-geral da Comissão de Ordem Social. O lugar deve ficar com o moderado Almir Gabriel (PA).

Se a reação contra o estilo de Mário Covas é pequena nas facções de esquerda, entre os moderados do partido o movimento cresceu e ganhou coordenação. O conflito ideológico interno já começou. Há dois líderes: um menos exposto, Carlos Sant'Anna, líder do governo na Câmara, e outro, que se movimenta abertamente, orientando os moderados, deputado Expedito Machado (CE), ex-ministro do governo João Goulart — de volta ao Legislativo. O parlamentar cearense, por sinal, não gosta da classificação "moderado". "Somos liberais", garante.

Expedito Machado, formado na velha escola pessedista dos encon-

tros discretos e da articulação intensa, passou todo o dia de ontem rearticulando os moderados. Na quarta-feira o grupo não teve êxito, mesmo contando com a participação do líder do governo, Carlos Sant'Anna, na tentativa de desestabilizar os acordos feitos por Mário Covas com as demais lideranças, para as escolhas de presidentes e relatores das comissões temáticas.

Na Comissão de Ordem Social as lideranças do PMDB, e do PFL não apoiaram a pretensão de Domingos Leonelli (BA) para a função de relator-geral. O preferido era o senador estreante Almir Gabriel, do Pará. Sem condições de ser indicado relator-geral, Domingos Leonelli lançou-se candidato a presidente. Se tivesse sido eleito os moderados romperiam o acordo na Comissão de Ordem Econômica, indicando Roberto Cardoso Alves para relator-geral, pretendendo Severo Gomes. Na presidência dos trabalhos o moderado Saldanha Derzi (MS) proteceu a apuração, aguardando definição na Comissão de Ordem Social. Leonelli resolveu desistir de postular a presidência da Comissão de Ordem Social, para tentar ser relator-geral. Alguns metros adiante, apesar da insatisfação, PDS e PFL cumpriram o acordo, aceitando Severo Gomes para relator-geral da Comissão de Ordem Econômica, preferindo Cardoso Alves.



Constituintes queixam-se de que Ulysses e Covas tomam decisões sem consultá-los

Sistematização tem 3 candidatos

BRASÍLIA
AGÊNCIA ESTADO

Capacidade política de negociação, confiabilidade partidária e competência intelectual: este é o perfil do relator da Comissão de Sistematização traçado por um dos três candidatos do PMDB ao cargo, o líder do partido no Senado, Fernando Henrique Cardoso. Outro candidato, o ex-presidente da OAB e deputado Bernardo Cabral, acha que o relator tem de ser um jurista, enquanto Pimenta da Veiga, o terceiro nome, considera fundamental a experiência política de negociação.

Refletindo o que ocorreu quando da instalação das oito comissões constitucionais temáticas e a confusão que gerou o adiamento da instala-

ção, ontem, das subcomissões temáticas, a Comissão de Sistematização vem sendo ambicionada há muito tempo não só pelos hoje três candidatos, mas por outros que foram "rifados" ao correr do tempo, como o ex-líder do PDS, hoje no PMDB, Prisco Viana, e o novato "xilita" Nelson Jobim.

Não é à toa esse interesse: a Comissão de Sistematização sempre foi comparada à Grande Comissão Idealizada no ano passado por Ulysses Guimarães, vencida pelas pressões políticas. Afinal, caberá a essa comissão juntar todo o trabalho das demais oito comissões temáticas e dar o texto final do que será o anteprojeto da nova Constituição.

Ao dar ontem o perfil do relator da comissão, o líder Fernando Henri-

que Cardoso ressaltava a necessidade de que ele não tenha como objetivo colocar sua opinião pessoal no parecer da comissão, pois deve ser o líder de uma equipe. Procurando idealizar a disputa, prevista para quarta-feira, o senador paulista criticou o nível de concorrência dos constituintes com relação às comissões e subcomissões constitucionais temáticas e de Sistematização.

A composição da Comissão de Sistematização — outro motivo que a torna a mais importante comissão da Constituinte — é de 89 membros (as demais têm 63), sendo 40 os presidentes e relatores das oito comissões e mais 49 constituintes "notáveis", indicados pelos líderes, obedecendo apenas ao critério da proporcionalidade.

Pimenta, ex-líder que se preparou

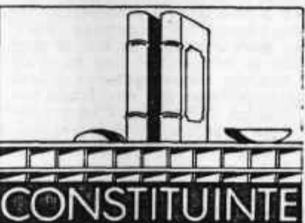
A maior dificuldade do deputado mineiro Pimenta da Veiga é a mesma dos outros dois pretendentes à função de relator-geral da Comissão de Sistematização: saber a opinião de Mário Covas. O líder do PMDB na Assembléia Constituinte tem conseguido, até agora, esconder o que pensa a respeito do assunto. Ninguém sabe como será o critério da escolha — se Covas ouvirá ou não os integrantes do partido na comissão, numa prévia, ou se a decisão será só sua.

Fernando Henrique chegou a sugerir acordo com Pimenta da Veiga — a função teria suas atribuições divididas, facilitando a escolha de ambos, com a preferência de Bernardo Cabral.

Foi o que disseram parlamentares que apóiam o deputado mineiro, acrescentando que a proposta foi recusada.

Pimenta da Veiga foi líder do PMDB e do governo na Câmara em 1985 e 1986. Neste ano ele preferiu deixar a liderança, seguindo a tese de que sua prioridade seria a Assembléia Constituinte.

Ao desistir da liderança do PMDB, Pimenta da Veiga já pensava no cargo de relator-geral. Vai depender de Covas e do apoio de sua própria bancada, já que o coordenador da bancada estadual, Marcus Lima, ainda hostilizando, apesar da decisão coletiva de apoiá-lo.



PFL tenta substituir Arinos por Chiarelli

BRASÍLIA
AGÊNCIA ESTADO

O líder do PFL na Câmara e na Constituinte, deputado José Lourenço, vai reunir-se na terça-feira com os liberais que integram a Comissão de Sistematização. É que alguns parlamentares não estão aceitando a indicação do senador Afonso Arinos (RJ) para a presidência da comissão. Eles prefeririam que o cargo fosse ocupado pelo também senador Carlos Chiarelli (RS). As restrições a Afonso Arinos vão desde "o seu comportamento autoritário" — como afirmou um parlamentar do PFL — até a sua idade.

Outro fato que está pesando é o de Arinos ter sido eleito em coligação com o PMDB, o que poderia significar uma atuação nem sempre condizente com as posições do PFL. É exatamente na Comissão de Sistematização que o PMDB concentrou grande número de parlamentares de sua linha de frente, como Fernando Henrique Cardoso.



Bernardo Cabral

Cabral, o jurista que está de volta

Bernardo Cabral (PMDB-AM) voltou ao Legislativo após quase 20 anos de ausência — por sua cassação em janeiro de 1969, pelo AI-5 — com grande renome. Havia feito um trabalho elogiado na presidência nacional da Ordem dos Advogados do Brasil (OAB), e é considerado político de centro-esquerda.

Em 1982 preferiu continuar na OAB a tentar retornar ao Congresso. Contou com o apoio do então governador Gilberto Mestrinho para a sua eleição em 1986. Na Assembléia Constituinte mantém-se discreto e longe da tribuna.

É amigo do líder Mário Covas de muitos anos e em 1968 era seu vice-líder, quando do episódio Márcio Moreira Alves, que provocou o AI-5, cassações e fechamento temporário do Congresso Nacional. No mês passado Bernardo Cabral atuou na campanha de Covas a líder do PMDB na Assembléia Constituinte. Poderia ter sido indicado vice-líder de Covas na Constituinte, mas preferiu aguardar a disputa pela função de relator-geral.

Apesar de suas ligações com Covas, nos últimos dias Cabral tem conversado muito com os principais coordenadores do grupo moderado — tendo à frente Expedito Machado, um dos principais críticos dos métodos de atuação do líder do partido na Constituinte.



Fernando Henrique Cardoso

Cardoso, agora mais moderado

Fernando Henrique Cardoso garante que não entrou em disputa: seu nome surgiu em função de sua capacidade de trabalho e das idéias que representa. Sociólogo, o senador paulista já exerceu vários cargos em sua curta vida pública, até atingir a liderança do PMDB no Senado. No início, ele chegou a empolgar a esquerda do partido, mas hoje esse mesmo setor o considera moderado.

Para Fernando Henrique, o entendimento e a negociação devem ser as bases da atuação política, de modo a representar amplamente a sociedade e não grupos setoriais. Defensor do diálogo, foi indicado líder por Tancredo Neves e retomou essa função com a posse do novo Congresso, eleito pela primeira vez para senador, função que ocupava como substituto de Franco Montoro. Fernando Henrique prefere destacar sua condição de representante da esquerda, e se desgosta quando classificado de "centrista".

O senador de São Paulo tem bom relacionamento com o presidente Sarney, apesar das violentas críticas ao governo antes do Plano Cruzado, quando recebeu a solidariedade de pelo menos um ministro, Almir Pazianotto. Gosta de conversar em grupos reduzidos, e seus interlocutores preferidos são João Sayad, Severo Gomes, Ulysses Guimarães e Franco Montoro, além de Covas. Fernando Henrique classifica-se entre os otimistas quanto à potencialidade do País, mas admite que a situação atual é crítica e o governo está indeciso.

Sant'Anna diz que foi marginalizado

O deputado Carlos Sant'Anna, líder do governo na Câmara, considerou-se "marginalizado" diante das escolhas feitas pelo senador Mário Covas, líder do PMDB na Constituinte, para os cargos de presidente, vice-presidente e relator das comissões temáticas, e sugeriu que o senador praticasse as idéias de participação que defendeu no discurso que o conduziu à liderança.

Sant'Anna revelou, ontem, que apenas anteontem à noite soube, através do líder do PFL, deputado José Lourenço, que os liberais ficariam com os cargos de presidente e o PMDB com os cargos de relator das comissões. Disse, também, que Mário Covas não conversou com ele e que parace ignorar sua posição de líder do governo e da maioria, circunstância que considerou representar um desafio.

Lembrando que é membro fundador da corrente moderada do PMDB — já com mais de cem constituintes — Sant'Anna disse que, por isso mesmo, precisa ser ouvido. "O PMDB é uma frente que vive de contradições e, por isso, é indispensável a democratização dos seus atos internos. E preciso que Mário Covas permita a participação", concluiu.

CRITÉRIOS DE COVAS

O líder peemedebista na Constituinte, senador Mário Covas, respondeu ontem às críticas que tem sofrido por escolher pessoalmente os relatores das comissões constitucionais. Ele revelou que adota os critérios regional, de competência e político para designá-los. Com base nesses critérios, 13 Estados foram representados.

E é com os mesmos critérios que o senador paulista já escolheu o relator da Comissão de Ordem Social, a única vaga ainda não preenchida das comissões temáticas. Mas Covas preferiu só divulgar hoje o nome para o cargo, até ontem disputado pelos deputados peemedebistas Domingos Leonelli e Almir Gabriel.